Justiça e o renascimento de um povo historicamente oprimido

A Declaração Balfour, San Remo e o Mandato Britânico

StandWithUs
BRASIL

O que é a Declaração Balfour?

A Declaração Balfour,
2 de novembro de 1917

"O governo de Sua Majestade encara favoravelmente o estabelecimento, na Palestina, de um lar nacional para o povo judeu, e empregará todos os seus esforços no sentido de facilitar a realização desse objetivo, entendendo-se claramente que nada será feito que possa atentar contra os direitos civis e religiosos das coletividades não judaicas existentes na Palestina, nem contra os direitos e o estatuto político de que gozam os judeus em qualquer outro país"

✡ A Declaração Balfour (1917) foi uma afirmação poderosa do governo britânico reconhecendo a conexão do povo judeu com a terra de Israel/Palestina. Foi uma conquista importante para o Sionismo — o movimento de liberação e autodeterminação do povo judeu, que buscava lidar com os mais de 1.900 anos de opressão sofrida na Europa e no Oriente Médio, reivindicando a autodeterminação do povo judeu em sua terra natal ancestral.

✡ A Declaração Balfour prometia que o governo britânico empregaria "todos os seus esforços" para promover o estabelecimento de um "um lar nacional para o povo judeu" buscando salvaguardar "os direitos civis e religiosos das coletividades não judaicas existentes na Palestina".

A conexão judaica com a terra de Israel

✡ Os judeus são naturais de Israel, o berço de sua identidade, cultura e religião. A conexão física, histórica e espiritual com a terra de Israel se manteve inquebrável por mais de 3 mil anos.

Inscrições em hebraico antigo em um artefato de 2 mil anos, em Israel

✡ Governos judaicos independentes existiram de forma intermitente em Israel por mais de um milênio, até o primeiro século, quando o Império Romano tomou o controle da região e dissolveu diversas rebeliões judaicas.

✡ Depois de vencer a terceira dessas grandes revoltas, o Império Romano renomeia a região como "Síria Palestina", em uma tentativa de destruir a ligação do povo judeu com aquela terra.
No entanto, essa mudança de nome colonialista nunca foi aceita pelos judeus.
Os romanos também buscaram destruir a cultura judaica, tornando sua prática religiosa ilegal na região, executando figuras rabínicas importantes e banindo judeus que viviam em Jerusalém, renomeando a cidade como Aelia Capitolina.

Arco de Tito, em Roma, mostra os romanos depois da vitória sobre os judeus

Fortaleza judaica antiga de Massada, em Israel.

Centenas de milhares de judeus foram mortos, muitos outros foram escravizados e espalhados pela Europa e Oriente Médio, mesmo assim uma minoria continuou em Israel.

✡A presença judaica na região se manteve inquebrável desde tempos antigos. Até o século IX, os judeus eram maioria na região da Galileia e do Golan. Artefatos arqueológicos e textos históricos provam a presença contínua de comunidades judaicas em todas as quatro cidades sagradas do judaísmo: Jerusalém, Hebron, Tzfat (Safed) e Tiberíades, bem como em outras comunidades espalhadas ao redor do país.

✡ O povo judeu manteve uma conexão persistente com a terra de Israel e particularmente com Jerusalém, algumas vezes chamadas de “Sião”. Milhares de textos judaicos expressam a profunda vontade de ver Jerusalém reconstruída e reconquistar a independência judaica. Esse sentimento vem sendo constante, desde quando os judeus foram expulsos de sua terra, até os tempos modernos. Há demonstrações disso nas orações diárias, que são ditas olhando em direção à Jerusalém, bem como na cerimônia anual de Pessach (festa também conhecida no Brasil como “Páscoa Judaica”), que sempre é encerrada com a frase “Ano que vem em Jerusalém!”.

Saladino, sultão do Egito que derrotou os cruzados na terra de Israel.

Contexto Histórico

✡ A terra de Israel nunca se tornou um território soberano de nenhuma outra nação, mas foi governada por uma série de poderes imperiais cristãos, pagãos e islâmicos — romano, bizantino, persa, Árabes, cruzados, mamelucos, otomano e britânico.

Cidade de Tzfat, no norte de Israel

✡ Ao longo dos séculos, diversos grupos de judeus na diáspora fugiram da perseguição ao redor do mundo e retornaram para Israel, encontrando e se reconectando aos judeus que se mantiveram ali.

✡ No princípio do governo do Império Otomano em 1516, cerca de 10 mil judeus viviam na região da cidade de Tzfat (Safed). Essas comunidades cresceram com o passar dos anos e com a imigração constante de judeus vindos do leste europeu, no Século XVIII, e do Iêmen, cerca de um século depois. Em 1864 o consulado britânico em Jerusalém estimou que a população majoritária na cidade sagrada era de judeus e essa maioria se mantém desde então.[1]

Caricatura representa o fardo da opressão aos judeus

[1] Citado em Gold, Dore. *The Fight For Jerusalem*, Regnery Publishing.p. 120 (2009). O cônsul britânico estimou 8.000 judeus, 4.000 muçulmanos e 2.500 cristãos.

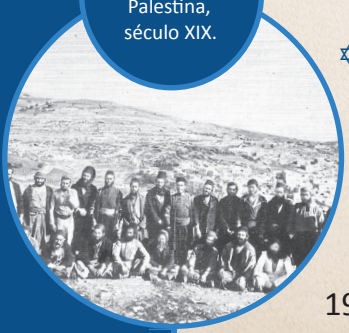
Theodore Herzl discursa no I Congresso Sionista.

✡ No Século XIX uma “nova” forma de antissemitismo racial surgiu, como uma repaginação do antissemitismo religioso já existente na sociedade. Esse antissemitismo se tornou uma constante na cultura europeia, eventualmente se tornando inspiração ao nazismo no Século XX.

✡ O Sionismo, um movimento judaico moderno, surge e ganha força no final do Século XIX, com o objetivo de libertar os judeus da espiral letal de racismo e restabelecer sua independência em sua terra natal. O movimento cresceu rapidamente, alcançando grande número de adeptos por todo o mundo judaico, em meados de 1890.

✡ A primeira onda de significativa imigração Sionista da Europa (conhecida como a Primeira Aliyah) ocorreu por volta de 1880. Em 1917, o Sionismo já era um movimento concreto e já havia apoiado o aumento da população judaica na Palestina para cerca de 100 mil pessoas, cerca de 15% da população total da região.

Residentes na região da Palestina, século XIX.



✡ Muitos judeus que imigraram para sua terra natal durante esse período estavam fugindo de "pogroms", discriminação e pobreza na Rússia e Leste Europeu, especialmente na década que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, entre 1904 e 1914 (conhecida como a Segunda Aliyah).

Quem mais vivia na terra?

✡ No Século XIX, a Palestina era uma remanescente do Império Otomano e foi dividida em três zonas administrativas. A região era majoritariamente infértil para agricultura e muitas partes do território eram praticamente inabitáveis. Pobreza e doenças eram comuns e a atividade econômica era mínima. O autor Mark Twain viajou pela região, em 1867, e relatou ter encontrado um lugar "desolado... cujo solo é rico o bastante, mas está abandonado às ervas daninhas… Uma terra triste e silenciosa… Desolada… Não vimos uma pessoa em toda a rota. Raramente víamos uma árvore ou arbusto pelo caminho".

✡ Durante esse período, a Palestina era o lar para cerca de 300 mil pessoas, de diversos grupos étnicos, incluindo árabes, judeus, circassianos, drusos, curdos e europeus. A maioria era muçulmana, os falantes de árabe incluíam pessoas que viviam na terra há gerações, bem como imigrantes da Argélia, Egito, Síria e Líbia, além dos beduínos nômades.

Fundação de Tel Aviv, 1909.

O contexto e importância da Declaração Balfour

✡ O Sionismo político moderno — movimento de libertação do povo judeu — não foi criado pela Declaração Balfour, tampouco recebeu qualquer status político

A rendição de Jerusalém aos britânicos.

especial por causa dela. Em 1917, o lar nacional do povo judeu já estava em reconstrução na região da Palestina por visionários judeus que lutavam por justiça e direitos para o seu povo, não em nome de qualquer potência imperialista.

✡ O reflexo da Declaração Balfour foi o período extremamente caótico durante e após a Primeira Guerra Mundial. O fim da guerra trouxe a extinção dos impérios Russo, Austro-Húngaro, Alemão e Otomano.

✡ A derrocada dos grandes impérios da Europa e do Império Otomano abriu as portas para movimentos nacionalistas avançarem suas pautas, afinal, a autodeterminação nacional se tornou uma das bases da ordem do mundo pós-guerra. Incluindo diversos movimentos dos povos do Oriente Médio, entre os quais os árabes, persas, curdos e assírios, bem como os judeus, que nesse momento já estavam organizados na reconstrução da sua pátria ancestral.

✡ A Declaração Balfour foi o primeiro passo em direção à conquista de reconhecimento internacional dos direitos dos judeus, no que hoje é conhecido como o Estado de Israel. Por si só, a Declaração não representava uma política concreta ou lei. A Declaração não passava de uma promessa do governo britânico de empregar “todos os

seus esforços no sentido de facilitar a realização desse objetivo", no sentido do "estabelecimento, na Palestina, de um lar nacional para o povo judeu".

A Liga das Nações

✡ Na conferência de San Remo, de 1920, a Liga das Nações adotou a Declaração Balfour, reconhecendo "a conexão histórica do povo judeu com a região da Palestina". Além de reconhecer os direitos de autodeterminação na Palestina, sob a lei internacional, reconhecimento esse que está garantido até hoje no Artigo 80 da Carta da ONU.

✡ O Mandato Britânico na Palestina foi criado no território que compreende o moderno Estado de Israel, a Faixa de Gaza, a Cisjordânia e a Jordânia. O governo britânico se tornou legalmente responsável por auxiliar o restabelecimento de um lar nacional judaico nesta região. (Vide mapa 5.)

✡ Em 1922, a Inglaterra dividiu o Mandato da Palestina para criar o território árabe da Transjordânia, que hoje é o reino Hachemita da Jordânia. (Vide mapa 6.). O Iraque e a Síria modernos também foram criados durante esse período, sob a administração britânica e francesa. O mapa de todo o Oriente Médio foi completamente impactado pela queda do Império Otomano.

✡ Processos similares ocorreram na Europa, Tchecoslováquia, Armênia, Finlândia, Lituânia, Polônia, Letônia, Estônia, Ucrânia e Geórgia emergiram das ruínas do Império Russo e Austro-Húngaro.

✡ Durante a transformação do Oriente Médio, os curdos, assírios e diversas outras minorias não-árabes também buscaram independência e autodeterminação, mas foram traídos por potências coloniais. A Inglaterra acatou as demandas dos nacionalistas turcos e árabes, deixando curdos, assírios e outros povos sem nação.

✡ Durante a Primeira Guerra Mundial, a Inglaterra também fez promessas controversas a líderes nacionalistas árabes, que foram interpretadas como contradições à Declaração Balfour. O governo britânico se pronunciou posteriormente, esclarecendo que essas promessas não incluíam o controle árabe sobre a região da Palestina, mas a ambiguidade inicial ajudou a semear o início de um conflito.

✡ A Inglaterra estava longe de estar sozinha apoiando a causa sionista. Declarações similares à Balfour foram feitas pela França, Alemanha, Turquia e Estados Unidos, tratando a respeito de outros territórios no mesmo período.

✡ O princípio da autodeterminação era amplamente reconhecido, especialmente nos Estados Unidos, como sendo o princípio que regeria as relações internacionais

depois da Primeira Guerra Mundial. Por causa desse amplo suporte, o direito de autodeterminação dos povos foi incluído no Tratado de San Remo e é uma importante parte da Carta da Organização das Nações Unidas. O Sionismo era e continua sendo um movimento de libertação fundamentado no direito universal da autodeterminação.

✡ A legitimidade de Israel sob a ótica do Direito Internacional está baseada nos mesmos tratados que levaram à criação de diversas nações no Oriente Médio e Europa após a Primeira Guerra Mundial. Questionar a legalidade da existência de Israel é questionar a legalidade da Carta das Nações Unidas e todos os governos que foram criados durante aquela época.

Emir Faiçal.

A reação árabe ao Sionismo e à Declaração Balfour

✡ Inicialmente, a reação das lideranças árabes foi pouco entusiasmada, mas não universalmente hostil. Na Palestina, o influente clã Nashashibi foi mais moderado em sua abordagem ao Sionismo do que o clã rival, os militantes al-Husseini.

✡ Na Árabia, o Emir Faiçal chegou a um acordo com o líder judeu Chaim Weizmann, em 1919, que colocou as relações entre judeus e árabes em um caminho promissor

Autoridades britânicas na Palestina.

de paz e cooperação. Faiçal emitiu uma carta declarando “Vamos desejar aos judeus um regresso caloroso”. Mais tarde, Faiçal retiraria seu apoio à causa judaica, devido à pressão de grupos nacionalistas pan-arábicos.

✡ Em 1920, o ressentimento nacionalista árabe para com os esforços dos judeus em reconstruir seu lar nacional levou à revoltas antijudaicas violentas por toda a Palestina, causando diversas mortes. Essa violência iniciou o conflito árabe-israelense e foi instigada primariamente por Haj Amin al-Husseini, um dos líderes do clã al-Husseini. Pouco depois, o governo britânico o apontaria como mufti de Jerusalém, tornando-o a liderança, de fato, dos árabes palestinos.

O abandono da Inglaterra à Declaração Balfour e suas consequências trágicas

✡ A tragédia real da Declaração Balfour e do Mandato da Palestina não foi a sua concepção, mas a sua execução. Mesmo com o horror crescente do Holocausto, a Inglaterra negou suas obrigações morais e legais com o povo judeu, bem como com a comunidade internacional. Em uma tentativa de conter a ascensão do

racismo, supremacismo e violência antijudaica propagada pelos al-Husseini, aliados dos nazistas alemães, o governo britânico retirou seu apoio aos direitos judaicos e suas aspirações nacionais.

A revolta árabe.

✡ A primeira entidade soberana a ser estabelecida pelo governo britânico no Mandato da Palestina, seguindo o tratado de San Remo, não foi um Estado judeu, mas um Estado árabe, conhecido como Transjordânia. Ela foi criada com o apoio dos Estados Unidos, em 1922, em 78% do território do então Mandato da Palestina. Apesar dessa ser uma distorção do propósito original do Mandato — estabelecer um lar nacional judaico em todo o território —, a maior parte das lideranças judaicas aceitou essa divisão.

✡ Na década de 1930 a política britânica para com os judeus endureceu. Em resposta à revolta árabe incentivada pelos al-Husseini, que começou em 1936, apoiada pela Alemanha nazista e pela Itália fascista, o governo britânico propôs uma segunda repartição do território restante do Mandato da Palestina, que buscava criar um Estado judaico no território remanescente do Estado árabe, que cobria cerca de 80% do território. A liderança judaica não estava satisfeita, mas aceitou negociar. A liderança árabe rejeitou a

Encontro entre al-Husseini e Adolf Hitler.

Navio de refugiados judeus da Europa.

existência de um Estado judaico em qualquer parte do território, e os britânicos terminaram por recusar as propostas de negociação. Essa foi a primeira de muitas vezes em que líderes palestinos recusaram reconhecer os direitos dos judeus de autodeterminação e rejeitaram a oportunidade de criar um Estado independente para os judeus pacificamente.

✡ Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, os judeus estavam buscando desesperadamente fugir das garras do nazismo alemão, e o mundo fechava as portas para recebê-los. Apesar do horror iminente, o governo britânico emitiu o Livro Branco, de 1939, que restringia severamente a imigração judaica para a Palestina. Um número limitado de judeus foi autorizado a se mudar durante cinco anos. Após esse período a imigração judaica foi completamente proibida. Simultaneamente, al-Husseini, o líder palestino instalado pelos britânicos, colaborava abertamente com nazistas nos mais altos graus hierárquicos.

Forças árabes atacam Israel, 1948.

✡ Com os desdobramentos do Holocausto, a marinha britânica interceptou e enviou de volta diversos navios de socorro repletos de imigrantes desesperados escapando dos campos de concentração na Europa, em busca de segurança na Palestina. A resistência em aceitar esses imigrantes causou a perda de inúmeras vidas.

✡ O governo britânico abandonou a garantia dos direitos judaicos, violando os termos do Mandato que foram acordados no tratado de San Remo. Isso fortaleceu os extremistas árabes na Palestina, os quais apoiavam ideologias radicais contra a população judaica, o que acarretou em conflitos ainda mais intensos na região.

Oficial britânico Sir John Glubb.

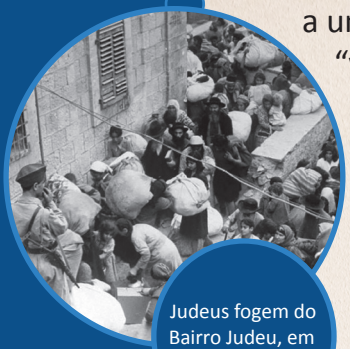
O fim do Mandato britânico da Palestina

✡Em 1947, a Inglaterra decidiu encerrar o mandato e levar a questão para a Organização das Nações Unidas.

✡ Em 30 novembro 1947, a ONU, buscando um acordo pacífico, aprovou a resolução 181, propondo um Estado judaico e um Estado árabe. A liderança judaica aceitou a proposta, mas os líderes árabes palestinos a rejeitaram, jurando impedir o estabelecimento de um Estado judaico, por meio da luta armada.

O primeiro primeiro-ministro israelense, David Ben Gurion, declara independência.

✡ Ataques a civis judeus por árabes radicais começaram imediatamente. A Liga Árabe se reuniu e decidiu por rejeitar a paz e seguir uma solução militarista, dando início



Judeus fogem do Bairro Judeu, em Jerusalém.

a uma guerra civil sangrenta. Forças árabes "voluntárias" vindas da Síria, Iraque, Líbia e Egito entraram na Palestina para combater os judeus. Eles cercaram Jerusalém causando a morte por inanição de cerca de 100 mil judeus.

✡ Com os desdobramentos da guerra, a Inglaterra adotou uma postura cada vez mais antijudaica. Os britânicos ofereceram equipamento militar para a legião árabe da Transjordânia, liderada pelo oficial britânico Sir. John Glubb, buscando assegurar a completa dominação árabe da Palestina.

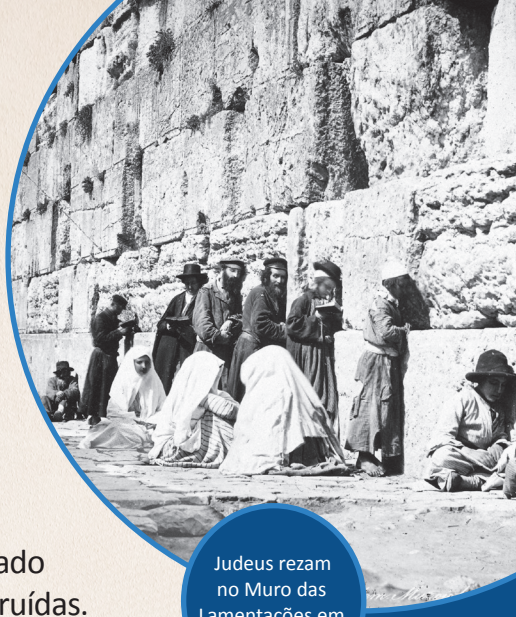
✡ O Mandato britânico na Palestina acabou oficialmente em 15 de maio de 1948. Israel declarou independência no dia seguinte, enquanto os Estados árabes imediatamente invadiram o recém-criado país, com a intenção de destruí-lo. Depois de meses de combate intenso, Israel venceu as agressões dos Estados árabes. Essa primeira guerra árabe-israelense é conhecida como a Guerra de independência de Israel e como "Nakba", que significa "Catástrofe" entre os palestinos.

Refugiados judeus de um Estado árabe.

✡ As estimativas indicam que entre 450 mil e 750 mil árabes palestinos se refugiaram em países próximos, como Síria, Jordânia, Líbano, além da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. Aconteceram também algumas expulsões por israelenses, parte das quais não planejadas e outras que faziam parte de uma política de

expulsão sistematizada. A vasta maioria dos refugiados buscou a fuga por conta própria para evitar ficar no fogo-cruzado criado pelos Estados árabes.

✡ Em todas as regiões onde as forças árabes foram vitoriosas, como em Jerusalém Oriental e Gush Etzion, todos os judeus foram expulsos à força de suas casas ou massacrados. O bairro judaico na Cidade Velha de Jerusalém foi esvaziado e todas as suas sinagogas foram destruídas. Entre 1949 e 1967, a Jordânia ocupou Jerusalém Oriental e Judeia e Samaria, regiões que foram renomeadas como "Cisjordânia".



Judeus rezam no Muro das Lamentações em Jerusalém, 1870.

✡ Durante os 20 anos que seguiram a guerra de 1948, mais de 850 mil judeus foram expulsos ou fugiram de países árabes, onde suas comunidades haviam vivido há mais de mil anos. Diferente dos árabes palestinos, nenhum desses judeus fugiu de uma zona de conflito. Na realidade, esses judeus estavam enfrentando uma discriminação crescente e perseguição, muitas vezes violenta, que os forçou a se tornarem refugiados e apátridas. Governos árabes confiscaram a maior parte de suas propriedades, o que deixou grande parte desses judeus em situação de pobreza. Quando foram expulsos das terras árabes, muitos desses refugiados buscaram

O líder palestino Haj Amin al-Husseini saudando as tropas da SS durante a Segunda Guerra Mundial.

refúgio indo para Israel —sua terra natal ancestral. Eles se tornaram a maioria da população judaica no país e foram essenciais para o desenvolvimento da política, cultura e sociedade israelense.

Conclusões

1. Judeus são nativos de Israel. Representá-los como colonizadores é negar de forma desumana a história e identidade judaica.

2. A Declaração Balfour — emitida durante a Primeira Guerra Mundial em uma antecipação de uma dissolução iminente do Império Otomano — não criou o movimento Sionista, muito menos inventou a ideia de um lar nacional judaico na Palestina; ambos já estavam muito bem

estabelecidos antes de 1917. No entanto, a Declaração teve, sim, importância significativa na criação de impulso para o reconhecimento internacional da luta do povo judeu pela libertação e autodeterminação de sua terra natal ancestral.

3. Em contraste à rápida criação de novos Estados árabes depois da Primeira Guerra Mundial, a autodeterminação judaica foi atrasada em uma geração e isso teve um custo incalculável para o povo judeu. O abandono gradual do suporte britânico aos direitos judaicos foi uma resposta cínica ao racismo e supremacismo de líderes árabes importantes, que usaram de violência para negar o direito judaico de autodeterminação em qualquer parte da Palestina e para intimidar árabes que estivessem dispostos a conviver com os judeus.

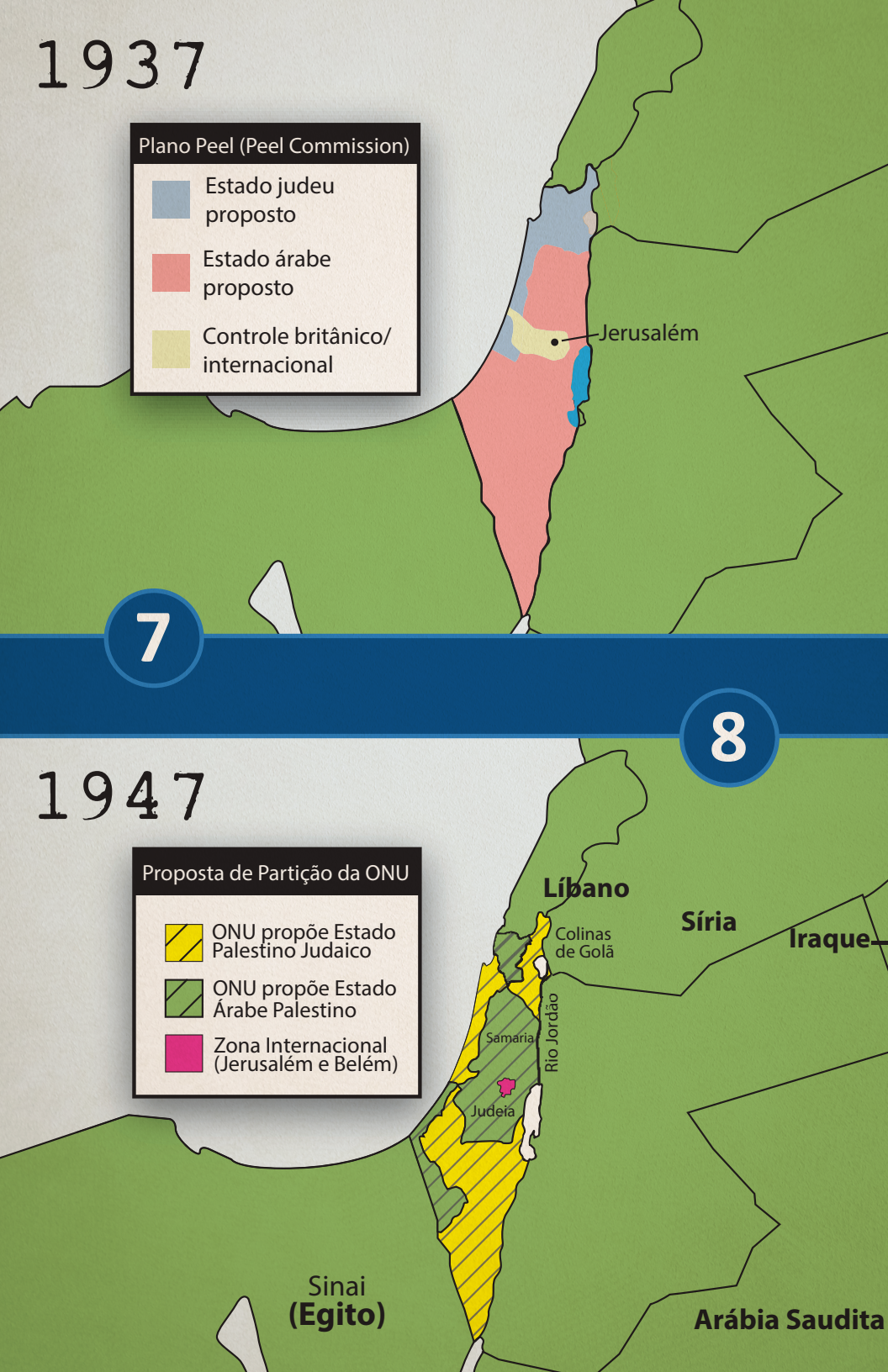
4.Depois de 1.900 anos de diáspora e perseguição por toda a Europa e Oriente Médio, a criação de Israel foi um ato de justiça há muito esperado para um povo historicamente oprimido.

5. O Sionismo e a Declaração Balfour não são causas primárias do conflito israelo-palestino ou do sofrimento do povo palestino. Líderes árabes e palestinos poderiam ter evitado décadas de derramamento de sangue se tivessem reconhecido os direitos judaicos e feito acordos em prol da paz. Esses líderes podem fazer isso ainda hoje. Não é tarde demais para a paz justa e para construir um futuro melhor tanto para israelenses quanto para palestinos.

1914
Pré - Primeira Guerra Mundial
NORUEGA
SUÉCIA
DINAMARCA
IMPÉRIO
RUSSO
REINO UNIDO
HOLANDA
IMPÉRIO ALEMÃO
BÉLGICA
LUXEMBURGO
OCEANO ATLÂNTICO
IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO
FRANÇA
SUIÇA
ROMÊNIA
SÉRVIA
BULGÁRIA
PORTUGAL
ESPANHA
ITÁLIA
MONT.
ALBÂNIA
IMPÉRIO OTOMANO
GRÉCIA
Para a ESPANHA
MARROCOS
Para a FRANÇA
ARGÉLIA
Para a FRANÇA
TUNÍSIA
Para a FRANÇA
1
* = Novos países estabelecidos após 1914
2
1919
Pós - Primeira Guerra Mundial
FINLÂNDIA
NORUEGA
ESTÔNIA
SUÉCIA
LETÔNIA
DINAMARCA
LITUÂNIA
RÚSSIA
REINO UNIDO
PRÚSSIA ORIENTAL
(para a ALEMANHA)
união soviética a partir de 1922
HOLANDA
ALEMANHA
POLÔNIA
OCEANO ATLÂNTICO
BÉLGICA
LUXEMBURGO
CHECOSLOVÁQUIA
FRANÇA
SUIÇA
ÁUSTRIA
HUNGRIA
ROMÊNIA
IUGOSLÁVIA
PORTUGAL
ESPANHA
ITÁLIA
BULGÁRIA
ALBÂNIA
TURQUIA
GRÉCIA
(para a ESPANHA)
MARROCOS
(para a FRANÇA)
ARGÉLIA
(para a FRANÇA)
TUNÍSIA

1914
Império Otomano
(Turquia)
(Egito)
(Arábia)
Vilaiete de Beirute
Vilaiete da Síria
Mutasarrifato de Jerusalém
Império Otomano
Israel moderno e territórios disputados
Egito
(Antigo Vilaiete Otomano)
Vilaiete de
3
4
1916–1921
Pós-Primeira Guerra Mundial
Síria
Líbano
Iraque
Palestina
Egito
Emirado de Négede
Hijaz (1916)
Bahrein
Catar
Estados da Trégua
Omã
Iêmen (1918)
Áden

1920
Mandato da Palestina
Líbano
(Mandato Francês)
Síria
(Mandato Francês)
Colinas de Golã
Iraque
(Mandato Britânico)
Rio Jordão
Emirado de Négede
(Protetorado Britânico)
Sinai
(Egito)
(Protetorado Britânico)
Palestina
(Mandato Britânico)
Mandato destinado ao lar nacional judaico
Hejaz
País árabe independente
Protetorado/Mandato
5
6
1922
Mandato da Palestina
Síria
(Mandato Francês)
Líbano
(Mandato Francês)
Colinas de Golã
Iraque
(Mandato Britânico)
Palestina
(Mandato Britânico)
Rio Jordão
Emirado da Transjordânia
(Mandato Britânico)
Emirado de Négede
(Protetorado Britânico)
Área de mandato restante para a pátria judaica
Sinai
(Egito)
País árabe independente
Protetorado/Mandato
Em 1923, a terra foi transferida do Mandato Britânico para o Francês, que mais tarde se tornou a Síria
Hejaz


1937
Plano Peel (Peel Commission)
Estado judeu proposto
Estado árabe proposto
Controle britânico/ internacional
Jerusalém
7
8
1947
Proposta de Partição da ONU
ONU propõe Estado Palestino Judaico
ONU propõe Estado Árabe Palestino
Zona Internacional (Jerusalém e Belém)
Líbano
Síria
Iraque
Colinas de Golã
Rio Jordão
Samaria
Judeia
Sinai
(Egito)
Arábia Saudita

Patrocinado por:

EVELYN & DR. SHMUEL KATZ

Faça o download deste e de outros materiais educacionais no site:

standwithus.com/brazil

StandWithUs BRASIL

StandWithUs Brasil | @standwithus_brasil | @StandwithusBr | StandWithUs Brasil

Contribua com nosso trabalho:

Doe em https://www.catarse.me/standwithusbrasil

© 2022 StandWithUs Brasil. Todos os direitos reservados.